



# O uso do “mas” como recurso atenuador na língua brasileira de sinais

## The use of “but” as a mitigation device in Brazilian Sign Language

Vanessa Hagemeyer BURGO\*

Sheyla Cristina Araujo MATOSO\*\*

Wagner Corsino ENEDINO\*\*\*

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é analisar o emprego do “mas” como recurso atenuador na língua brasileira de sinais (Libras) em conversações entre pessoas surdas. O aporte teórico está fundamentado em Quadros (2006, 2015, 2016, 2017, 2019), Quadros e Karnopp (2004), Góes e Campos (2021), Gesser (2012), Leite (2008, 2013), McCleary e Viotti (2007, 2011), Brito (1995), Negreiros e Barros (2017), Rosa (1992), Galembeck (1999) e Urbano (1998), entre outros. O *corpus* desta pesquisa é formado por vídeos disponíveis na internet pelo projeto da Universidade Federal de Santa Catarina denominado *Corpus de Libras*. De acordo com os resultados, a partícula “mas” auxilia o sinalizante na arquitetura dos enunciados, servindo como um anúncio, uma espécie de preparação que atenua, por antecipação, o conteúdo do que será expresso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua Brasileira de Sinais. Recurso atenuador. Pessoas surdas.

**ABSTRACT:** The aim of this work is to analyze the use of “but” as a mitigation device in Brazilian Sign Language (Libras) during conversations among deaf people. The theoretical framework is based on Quadros (2006, 2015, 2016, 2017, 2019), Quadros and Karnopp (2004), Góes and Campos (2021), Gesser (2012), Leite (2008, 2013), McCleary and Viotti (2007, 2011), Brito (1995), Negreiros and Barros (2017), Rosa (1992), Galembeck (1999) and Urbano (1998), among others. The *corpus* of this research is composed of videos available on the internet by the project of the Federal University of Santa Catarina called *Corpus de Libras*. According to the findings, the particle “but” assists the signer in the architecture of utterances, serving as an announcement, a kind of preparation that attenuates, in advance, the content of what will be expressed.

**KEYWORDS:** Brazilian Sign Language. Mitigation device. Deaf people.

Artigo recebido em: 14.07.2023

Artigo aprovado em: 07.02.2024

---

\* Doutora em Estudos da Linguagem (UEL). Professora Associada da UFMS. [vanessahburgo@hotmail.com](mailto:vanessahburgo@hotmail.com)

\*\* Doutora em Letras (UFMS). Professora Adjunta da UFMS. [sheyla.matoso@ufms.br](mailto:sheyla.matoso@ufms.br)

\*\*\* Doutor em Letras (UNESP). Professor Titular da UFMS. [wagner.corsino@ufms.br](mailto:wagner.corsino@ufms.br)

## 1 Introdução

Observamos que os estudos que versam sobre as línguas de sinais em comunidades surdas, em geral, têm vivenciado um aumento gradativo em produções de cunho científico, político e educacional nos últimos anos, proporcionando debates interessantes e necessários para uma maior visibilidade e empoderamento desse público. Apesar do crescimento de trabalhos que discutem os aspectos linguísticos e funcionais das línguas de sinais, quando comparados a outras línguas de modalidade oral, ainda representam um vasto campo a ser explorado, o que denota a importância de novos olhares investigativos nessa perspectiva.

Outra questão relevante para alocarmos nossa pesquisa no âmbito dos estudos linguísticos é o esclarecimento de que a língua de sinais foi reconhecida no Brasil por meio da Lei nº 10.436/2002 (Brasil, 2002). Esse reconhecimento, ocorrido há pouco mais de duas décadas, evidencia uma área que ainda requer análises que contemplem suas particularidades linguísticas e constitutivas.

Este artigo visa, portanto, a analisar o emprego do “mas” como recurso atenuador na língua brasileira de sinais (Libras) em conversações entre pessoas surdas. Compreendemos como recursos atenuadores uma grande variedade de meios ou procedimentos que contribuem para diminuir a força ilocutória dos enunciados e abrandar efeitos de sentido não convenientes aos interesses e propósitos do falante, suavizando sua responsabilidade em relação aos conceitos emitidos. São elementos que tendem a reduzir possíveis ameaças à imagem que o falante deseja preservar, para obter aprovação dos ouvintes, e para garantir o resguardo do que não pretende ver exibido (Rosa, 1992; Galembeck, 1999; Burgo, 2012; Burgo; Silva Neto, 2012).

Nossa intenção está voltada, também, para a valorização e socialização de uma pesquisa que envolva a documentação, descrição e análise da Libras, tendo em vista que, por meio desse processo, ela pode ser preservada e reconhecida por seus usuários e demais integrantes da população. Vale considerar que a Libras ainda carece de

estratégias de visibilidade, e a disseminação de pesquisas desta natureza colaboram para isso, conforme postulam Quadros *et al.* (2018, p. 49): a “socialização é fundamental, pois além de garantir a difusão da Libras, dá visibilidade e é um instrumento de políticas linguísticas de status, de corpus, de aquisição e de atitude”. Os autores asseguram que, ao se realizar pesquisas e registros acerca da Libras, “estamos valorizando essa língua, disseminando-a e tornando-a mais empoderada”.

## 2 A Estrutura da Libras

Algumas percepções em relação à compreensão das Línguas de Sinais (LSs), muitas vezes, são oriundas de uma trajetória marcada pelos diferentes contextos de luta e de aceitação desse sistema linguístico visual-espacial e do sujeito surdo. Dentro do campo pesquisado e, apesar de alguns avanços, há, ainda, alguns paradoxos envolvendo a estrutura da Libras, os quais são imbuídos de concepções que foram alicerçadas, por muito tempo, em conceitos pré-construídos acerca dos surdos e de sua língua. Esclarecer algumas dessas questões é parte importante desta pesquisa, uma vez que o resultado aqui apresentado poderá contribuir para o alcance da visibilidade linguística das LSs, proporcionando novos percursos e investigações.

No que tange às concepções linguísticas da Libras, Góes e Campos assinalam que:

nas línguas orais-auditivas, existem as palavras (estrutura mínima de significação), e nas línguas de sinais também existem os itens lexicais, que recebem o nome de sinais. A diferença encontra-se na sua modalidade de articulação, que é visual-espacial. [...] não basta apenas conhecer os sinais, sendo fundamental conhecer sua gramática própria, usada de acordo com o contexto das expressões pretendidas (2021, p. 66).

Observamos que os estudos relacionados à melhor compreensão sobre como ocorre a estruturação das LSs no campo da linguística têm recebido maior atenção e

têm cooperado para uma maior visibilidade dos sujeitos surdos. Isso tem ocorrido nos diferentes contextos sociais e contribuído para um maior esclarecimento e quebra de muitos paradigmas que envolvem a língua de sinais. No entanto, urgem ações que favoreçam a promulgação dos campos científicos que envolvem a constituição da língua e seu uso, cooperando para a emancipação das línguas de sinais.

Nesse sentido, Leite salienta que:

dentro de uma visão do senso comum, as línguas de sinais não são enxergadas como línguas naturais, com o mesmo estatuto das línguas orais, e por isso as pessoas surdas até hoje lutam para ter a sua língua plenamente reconhecida. Na verdade, num olhar superficial, as línguas de sinais parecem totalmente distintas das línguas orais: as primeiras seriam produzidas com as mãos e apreendidas pela visão, enquanto as últimas seriam produzidas com a boca e apreendidas pelos ouvidos (2013, p. 38).

Quadros e Karnopp (2004) asseveram que as línguas de sinais são consideradas pela linguística como um sistema linguístico legítimo, e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Eles apontam, ainda, que o rompimento de tal concepção é imprescindível para que a aceitação efetiva das pessoas surdas aconteça de maneira plena, respeitando sua condição linguística. Por se tratar de uma língua natural, a Libras está organizada como um legítimo sistema linguístico. As autoras (2004, p. 30), a respeito dos estudos do linguista Stokoe, afirmam que “os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos complexos, com uma complexa estrutura interior”. Elas destacam, também, que “apesar das diferenças entre as línguas, as estruturas apresentam aspectos comuns que interessam às investigações linguísticas por explicarem a natureza da linguagem humana” (p. 17).

Gesser (2012) afirma que, por vezes, é difícil a compreensão e a aceitação de que a enunciação pode ter uma construção diferente da utilizada pela sociedade geral, ouvinte, que utiliza do canal oral-auditivo para se comunicar e interagir. Nesse sentido, a pesquisadora salienta que:

há uma percepção quase unânime quando se fala sobre língua de sinais àqueles que nunca tiveram contato com surdos. Indagação que nos leva a concluir que a única forma possível de realização linguística humana é através do canal de comunicação oral, ou seja, falar envolve sonoridade e requer o uso de nossas bocas e ouvidos (Gesser, 2012, p. 68).

Consoante Nascimento e Daroque (2019, p. 46), a modalidade linguística é “um conceito utilizado para expressar os diferentes tipos de materialidade da linguagem humana e está relacionado, diretamente, com as vias de produção e de recepção das línguas”. Segundo os autores, a Libras

tem como principal meio de produção as mãos, que, articuladas a partes do corpo, produzem a discursividade nos espaços em frente ao corpo, dos lados, acima/abaixo do tronco corporal ou no próprio corpo do falante. Como via de recepção, a visão e toda a sua composição orgânico-fisiológica constituem o canal por onde as informações linguísticas são recebidas (Nascimento; Daroque, 2019, p. 46-47).

Por fim, como assinalado por Quadros (2019), os estudos iniciais sobre as LSs, ocorridos na década de 1960, tiveram como função principal convencer os linguistas e outros agentes de políticas linguísticas e educacionais de que elas eram, de fato, línguas dotadas de componentes linguísticos, e não apenas gestos que não passavam de pantomima<sup>1</sup>, como muitos as consideravam.

## 2.1 Alguns parâmetros gramaticais da Libras

Muito embora esta pesquisa não tenha por objetivo central a descrição dos aspectos relacionados à gramática das LSs, apresentaremos, nesta seção, algumas de

---

<sup>1</sup> Termo utilizado para designar “arte ou ação de exprimir ideias ou sentimentos por meio de gestos; mímica; arte teatral que usa gestos, movimentos e expressões faciais, imitativos ou simbólicos, como linguagem única para a comunicação com o público” (Michaelis, 2024).

suas características e particularidades linguísticas, abordando determinados componentes gramaticais.

Quadros (2019) pontua que a Libras, por ser uma língua de modalidade visual-espacial, exibe-se utilizando o corpo, as mãos, os espaços e a visão para ser produzida e percebida. Trata-se de uma língua dotada de todos os níveis de análise linguística:

- ✓ unidades mínimas ('fonemas'), que se combinam para formar palavras;
- ✓ padrões prosódicos;
- ✓ suas palavras se combinam para formar enunciados;
- ✓ os enunciados apresentam proposições que podem ser analisadas do ponto de vista semântico, pragmático;
- ✓ seus usos apresentam questões de ordem sócio linguísticas (Quadros, 2019, p. 25-26).

Outro ponto que elencamos a título de conhecimento e compreensão dos aspectos organizacionais das LSs está ligado ao uso do espaço e ao olhar na construção do enunciado, considerados gramaticais e que fazem parte da organização do discurso na construção das sentenças. Os apontamentos e olhares alocados no espaço estabelecem referenciais espaciais que podem estar ligados às conjugações verbais, ao uso de pronomes pessoais, à pluralização, dentre outros elementos gramaticais que são construídos nesses referenciais, contribuindo, então, para a concordância sintática e semântico-pragmática das elocuições.

Os articuladores primários das LSs são as mãos que, em movimento no espaço, articulam os sinais formando as sentenças no lugar estabelecido à frente do tronco e da face. Os enunciados são construídos neste espaço, e envolvem os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais. Tais movimentos, no espaço ou sobre o tronco, podem ocorrer em linhas retas, em movimentos circulares, em curvas, em movimentos com sinuosidade e em várias posições e direções (Brito, 1995).

Pautada nessa dinâmica organizacional visual, as línguas sinalizadas são compostas por um conjunto de elementos gramaticais cujos parâmetros são distintos das línguas orais (LOs) no que se refere à sua base estrutural. Como forma de esclarecimento do que representa um sinal na Libras, os sinais são formados e orientados gramaticalmente a partir dos cinco parâmetros formativos, também conhecidos como unidades mínimas na Libras. Eles são constituídos, segundo Quadros e Karnopp (2004), pelo uso da Configuração de Mão (CM), da Locação (L), do Movimento (M), da Expressão Não Manual (ENM) e da Orientação de Mão (Or). As combinações dessas unidades mínimas são utilizadas na elaboração e execução dos sinais nessa língua. Nesse sentido, a sintaxe espacial torna um elemento importante a ser aqui detalhado, uma vez que a construção sintática dos excertos transcritos na análise atenderá sempre a este tipo de formação, em que a ação principal fica em evidência.

Quadros e Karnopp (2004) indicam que a questão da sintaxe nas LSs requer a compreensão que esse sistema é visual-espacial, ou seja, as relações gramaticais estão aferidas no espaço, de diferentes formas. As autoras ponderam que:

há dois trabalhos que mencionam a flexibilidade da ordem das frases na língua de sinais brasileira: Felipe (1989) e Ferreira-Brito (1995). As autoras observaram que há várias possibilidades de ordenação das palavras nas sentenças, mas que, apesar dessa flexibilização, parece haver uma ordenação mais básica que as demais, ou seja, a ordem Sujeito-Verbo-Objeto (Quadros; Karnopp, 2004, p. 139).

Além do exposto acima, outro aspecto importante acerca da construção da sentença em Libras é que alguns itens, como sujeito e objeto, podem não constar na formulação da sentença por já aparecerem anteriormente, já estarem referenciados no espaço e proeminentes nos discursos precedentes (Leite, 2008). Todas essas questões comprovam a relação da língua com o espaço, pois a construção das sentenças acontece nele, e todos os referentes serão pontuados nesse mesmo espaço. Portanto, o

estabelecimento do olhar nesse espaço possui, também, funções gramaticais que dão sentido ao enunciado e, pelo discurso precedente dentro de uma conversação, conduzem as respostas e indicações aos referentes anteriormente estabelecidos no discurso. Dessa forma, “em Línguas de Sinais, o nível sintático se dá por meio da chamada sintaxe espacial, pois as relações de estruturas frasais são realizadas no espaço” (Negreiros; Barros, 2017, p. 156-157).

No que diz respeito aos sinalizadores e referentes na Libras, Quadros e Karnopp (2004, p. 130) postulam que “os sinalizadores estabelecem os referentes associados à localização no espaço, sendo que tais referentes podem estar presentes ou não”, e após serem introduzidos no espaço, “os pontos específicos podem ser referidos posteriormente no discurso”. Além disso, quando os referentes estão presentes, estes são indicados por meio do apontamento e do olhar direcionado. Tais afirmações acerca dos referentes têm demonstrado que as LSs devem ser compreendidas levando em conta seu caráter visual-espacial, e que os detalhes que as compõem têm constante relação com os aspectos elaborados no e pelo corpo. No entanto, conforme Quadros e Karnopp (2004), as derivações visuais-espaciais seguem a mesma lógica das derivações orais-auditivas, e as informações gramaticais, atreladas às marcações não manuais, contribuem para a compreensão de todo o enunciado.

Em relação ao uso do corpo e da face durante a sinalização em LSs (Liddell *apud* QuLiadros; Karnopp, 2004, p. 131), indica que os sinais manuais estão frequentemente acompanhados por expressões faciais, denominadas expressões não manuais. Estas, por sua vez, podem ser consideradas gramaticais e, segundo o autor, “a face do sinalizador raramente é neutra ou descontraída; a sinalização também é acompanhada pela posição da cabeça ‘não neutra’, por movimentos da cabeça e movimentos do corpo”. O uso do corpo também é proeminente na ação verbal para indicar específicos aspectos relacionados ao sujeito, ao número e, em alguns casos, a referência ao tempo verbal. Nesse sentido, a corporalidade, nas LSs, sempre terá um valor gramatical e trabalhará em prol da compreensão do enunciado, dando a cada segmento da sentença



sua contribuição para o entendimento, fazendo as relações e as trocas necessárias para que isso ocorra.

A rigor, as expressões não manuais, por si, podem representar elementos de análise no momento da construção do enunciado, bem como devem ter a devida atenção em estudos de análise e descrição da língua. Para McCleary *et al.* (2010, p. 270), “a partir de Liddell (1980), é sabido que muitas funções gramaticais nas línguas de sinais são exercidas por meio desses recursos não manuais, incluindo, por exemplo, movimentos da cabeça e posições das sobrancelhas”.

Com efeito, o corpo é representado como argumento na gramática da Libras, trazendo funcionalidade e concordância na enunciação, colaborando para a organização do discurso e estabelecendo referenciais por meio do olhar e da posição corporal. Desse modo, podemos observar que as expressões faciais e corporais são bastante relevantes na construção discursiva. São consideradas, nos estudos gramaticais das LSs, como traços não manuais que representam elementos que estruturam o enunciado a ser elaborado, configurando, portanto, componentes gramaticais nas LSs.

No que tange aos classificadores nas LSs, estes podem representar diferentes composições e valores gramaticais. A esse respeito, Quadros afirma que:

envolvem uma categoria polimorfêmica específica das línguas de sinais. Esse tipo de produção abrange uma combinação de morfemas altamente complexos simultaneamente articulados. As descrições de classificadores apresentam diferentes tipos:

- (a) de tamanho e forma;
- (b) de entidade;
- (c) de manipulação (2017, p. 74).

Esses elementos linguísticos das LSs possuem uma construção morfológica que se difere dos processos morfológicos estabelecidos pela gramaticalização, uma vez que são determinados pelos fatores relacionados à modalidade visual-espacial. Portanto,

são representações que se apresentam por motivação icônica, provindas de estruturas conceituais mais gerais (Quadros, 2017). Concernente a esses elementos, a autora afirma que:

os sinais classificadores, descritivos visuais ou descritivos imagéticos, não estão listados no léxico, pois são compostos de morfemas combinados segundo cada evento ou objeto descrito [...]. As línguas de sinais apresentam ambos os tipos: um conjunto estável de elementos, que compreende palavras e morfemas e uma parte mais instável, que envolverá a combinação dos morfemas disponíveis no ato da enunciação iconicamente determinados, enquanto representação dos eventos ou objetos (Quadros, 2017, p. 75).

Como ocorre nas LOs, há, nas LSs, há uma variada gama de possibilidades de estudos a respeito de sua compreensão gramatical. Salientamos, portanto, que a Libras possui aspectos linguísticos que são constitutivos de uma língua natural, com suas especificidades autênticas. Quadros ressalta que as pesquisas entre as línguas dessas duas modalidades têm levado em consideração as relações existentes entre ambas, bem como pondera que:

por um lado, existe uma preocupação em relação aos efeitos das diferenças na modalidade fazendo com que os estudos das línguas de sinais sejam extremamente relevantes. Por outro lado, as similaridades encontradas entre as línguas faladas e as línguas sinalizadas parecem indicar a existência de propriedades do sistema linguístico que transcendem a modalidade das línguas (Quadros, 2006, p. 175).

Cabe ressaltar que, apesar do crescimento gradativo de análises e descrições das LSs, estas ainda carecem de estímulos investigativos para que haja, constantemente, a ruptura de ideários que, de maneira equivocada, não as consideram como línguas completas, com processo de construção altamente recursivo e estruturas gramaticais próprias.

### 3 Metodologia

Utilizamos, como *corpus* para esta pesquisa, vídeos de conversações entre surdos fluentes em Libras, disponíveis no sítio da Universidade Federal de Santa Catarina, no Portal Libras. Os vídeos estão disponibilizados em acervos que compõem o Inventário Nacional de Libras, e integra o projeto denominado *Corpus* de Libras. Este projeto foi constituído, segundo as descrições contidas no sítio, com o objetivo de pesquisar, catalogar e difundir a Libras, e conta com um acervo catalogado por estados, o qual, durante todo o período da pesquisa, se manteve em construção. Com o objetivo de delimitar o *corpus*, fizemos um levantamento dos vídeos que continham interações envolvendo temas livres entre duplas de surdos, e a seleção foi direcionada pela disponibilidade do acervo no inventário em Libras. O material está catalogado por Estados e somente as capitais de Santa Catarina (Florianópolis) e de Alagoas (Maceió) possuíam, até o término deste estudo, vídeos que pudessem compor o *corpus* para a transcrição e análise linguística.

O material utilizado para a coleta de dados da pesquisa dispunha de quatro tomadas de vídeo para cada conversação, com as câmeras posicionadas da seguinte maneira: duas focavam individualmente os dois participantes de frente, uma abrangia um ângulo de cima dos participantes e a quarta possuía um ângulo que tornava possível visualizar os dois participantes simultaneamente, focados lateralmente. Para a transcrição e análise dos dados, utilizamos um *software* desenvolvido pelo Max Plank Institute, o qual se encontra disponível de forma livre e recebe o nome de Sistema de Anotação Eudico Annotator, ELAN. Por meio deste sistema, foi possível a transcrição dos vídeos de conversação de forma mais detalhada, pois alguns recursos contribuem para o processo de transcrição e tradução da língua de sinais (também utilizado na tradução de línguas orais).

Como apontam McCleary *et al.* (2010, p. 276), “uma grande vantagem que o ELAN apresenta para a transcrição das línguas de sinais é a possibilidade de visualizar

duas ou mais tomadas de vídeo simultaneamente". Com isso, há a possibilidade de anotar alguns sinais não manuais relacionados ao rosto, ou outros movimentos que estão ligados à língua em uso, tendo em vista que esta é de modalidade visual-espacial e todos os detalhes que envolvem as expressões corpóreo-faciais são relevantes dentro do processo de análise linguística.

McCleary e Viotti (2007, p. 21) indicam que, apesar de o *software* ter inúmeras vantagens como ferramenta de transcrição de línguas, há que se indicar que sua desvantagem está "relacionada com a natureza contínua da transcrição", ou seja, "parece ser a impossibilidade de se gravarem relatórios que preservem as pautas organizadas por unidades ideacionais, como em transcrições convencionais".

Sobre as pesquisas linguísticas, McCleary e Viotti (2007, p. 04) destacam que, em uma análise linguística em línguas de modalidade visual-espacial pensada e aplicada de forma linear, podem ocorrer várias consequências para a análise, uma vez que alguns fenômenos da linguagem precisam ser levados em consideração, tais como "repetições, paralelismos estruturais e subordinação", e não devem passar despercebidos neste processo analítico.

Outro problema é a sobreposição de descrição e interpretação. Nas explicações "expressão facial de pergunta/de concordância/de entender/de atenção", não está claro se cada descrição se refere a um determinado conjunto convencionalizado de traços faciais (por exemplo, cabeça erguida, sobrancelhas franzidas, etc.), ou se a denominação indica a interpretação global e intuitiva da expressão dentro do contexto (McCleary; Viotti, 2007, p. 04).

Nesse sentido, coadunando com as ponderações elencadas acima, o processo realizado na utilização dos vídeos para a análise proposta foi organizado de forma a explorar a língua dentro do objeto de pesquisa deste trabalho, mas deixou inúmeras possibilidades de pesquisas em aberto, possibilidades essas que podem ser exploradas em outros momentos de investigação e análise.

No que concerne à gestualidade, Quadros (2015, s/p.) aponta que fora convencionalizada a seguinte descrição a ser incorporada na transcrição: “quando você vir movimentos que apresentam significados, mas não são lexicalizados, eles podem ser chamados de ações ou emblemas. O código a ser usado é o seguinte: &=(significado-do-gesto) ou E (ID do emblema)”. As orientações indicadas pela autora nos permitiram elucidar melhor a língua analisada e transcrita, proporcionando uma maior clareza no tipo de transcrição que estávamos trabalhando. Algumas dificuldades ainda permanecem presentes neste tipo de análise e descrição, de acordo com a autora:

a transcrição é um processo que demanda um grande investimento de tempo e dedicação, particularmente nas pesquisas com línguas de sinais, que não possuem um sistema de escrita convencional e plenamente adaptado ao computador. Uma estimativa geral relatada em projetos de pesquisa com línguas de sinais é a de uma hora de trabalho de transcrição para cada minuto de gravação (Quadros, 2016, p. 21-22).

Apresentamos, abaixo, o Quadro 1, composto pela síntese organizada por Quadros (2015) no manual de transcrição do corpus de Libras, o qual seguimos como parâmetro para este trabalho de análise e descrição da língua pesquisada.

Quadro 1 – Manual de transcrição do Corpus Libras.

Item	Convenção	Exemplo
Glosas na Língua de Sinais	Letras maiúsculas; glosas com mais de uma palavra devem ser ligadas com hífen	COELHO NÃO-TER
Sinais D Sinais E	Trilhas de anotação dos sinais: Sinais D para os sinais que utilizam a mão direita, e Sinais E para os sinais que utilizam a mão esquerda. Quando o sinal for realizado com as duas mãos, colocar o ID nas duas trilhas compartilhando o mesmo tempo	Sinais D:  CASA  Sinais E:  CASA
Apontação para pessoas	IX seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses	IX(si) IX(mãe)
Apontação para objetos	IX seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses	IX(gato) IX(peça-quebra-cabeça)

Apontação para os lugares	IX seguido pelo locativo com letras minúsculas, dentro dos parênteses	IX(lá) IX(dentro-geladeira)
Incorporação de numeral na apontação	Pode ser usado de forma inclusiva (nós-dois, nós- três, nós-quatro) ou de forma exclusiva (vocês- dois, vocês-três, vocês-quatro)	IX2(nós-dois) IX3(vocês-três) IX4(vocês-quatro)
Possessivos	POSS seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses	POSS(si) POSS(Maria)
Verbos indicativos	Nomear com uma glosa ID para cada sinal; não adicionar informação sobre os referentes	DAR IR
Verbos descritivos (classificadores)	Usar a glosa 'DV' seguida da descrição entre parênteses (hífen entre as palavras)	DV(pássaro-sentado-árvore)
Palavra soletrada	Usar a glosa 'FS' seguida da palavra sem hifenização ou da letra entre parênteses	FS(nokia) FS(a)
Sinais repetidos	Adicionar o sinal (+) ao sinal no final da glosa	MÃE+
Sinais congelados	Adicionar o sinal ( _ ) ao final da glosa	MÃE_
Pausa dentro da sentença	Representar a pausa da sinalização (#)	IX (si) ESCOLHER # AZUL
Interrupção interna do sinal	Representa uma interrupção na produção do sinal pelo próprio sinalizante	BUSCAR/
Interrupção externa do sinal	Representa uma interrupção na produção do sinal por alguém (normalmente o interlocutor)	BUSCAR//
Ações	Glosa com & seguido da descrição da ação entre parênteses	&(face-brava)
Sinal não muito claro (mas que o transcritor identifica o seu significado)	Adicional [?] no final da glosa	QUERER MAÇÃ [?]
Sinal não muito claro (o transcritor oferece uma glosa alternativa, pois o sinal também pode ser outro)	Digitar a primeira opção de glosa, seguido por [=?ALTERNATIVA]	QUERER MAÇÃ[=?BOLACHA]
Sinal que não é reconhecido	Cada sinal não reconhecido no enunciado recebe aglosa XXX (pode haver mais de um)	QUERER XXX POR-FAVOR

Fonte: Quadros (2015, s/p.).

Vale ressaltar que os diálogos foram realizados sempre em dupla e os participantes foram nomeados como “sinalizante 1” e “sinalizante 2”, com auxílio de

alguns padrões estipulados para tornar os excertos mais claros e detalhados. Assim, foram criadas duas trilhas de descrição: a primeira, que corresponde à transcrição em Libras, seguindo as orientações de transcrição já apontadas no quadro acima; e a segunda, que equivale à transcrição da tradução de Libras para a língua portuguesa (LP), obedecendo aos padrões de tradução e interpretação linguística. Para maior visualização do “mas”, optamos por destacá-los em negrito na segunda trilha de descrição.

Em relação às etapas desta pesquisa, após apreciação e escolha dos vídeos, foi realizada a transcrição por meio de glosas para melhor compreensão de como estão organizados os enunciados em uma língua sinalizada e, para fins didáticos, apresentamos a tradução para a língua portuguesa como forma de contextualizar o uso do “mas”. A composição dos vídeos em quatro tomadas nos ajudou muito nesse processo de tradução, uma vez que nos permitiu um olhar mais focado em cada participante, de modo que nenhum sinal ou expressão se perdesse durante o processo.

Quadros e Karnopp relatam, em uma de suas pesquisas acerca da Libras, que a transcrição e tradução dos sinais refere-se à etapa mais trabalhosa de uma investigação deste cunho. Segundo as autoras, durante o processo:

nem sempre se tinha certeza de como se poderia fazer a transcrição e a tradução para o português. Esses processos são altamente complexos quando se utiliza a escrita correspondente que já existe em uma determinada língua. Esse não foi o caso, uma vez que optou-se por utilizar glosas com palavras do português nas transcrições, tornando o trabalho ainda mais complexo (Quadros; Karnopp, 2004, p. 37).

O relato das autoras reforça, portanto, a ideia de que a análise descritiva de uma língua de modalidade visual-espacial para uma língua com modalidade diferente (oral-auditiva) requer maior cuidado com os detalhes contidos na sinalização. McCleary e Viotti (2011, p. 297-298) contribuem para essa noção de que precisamos ter uma atenção aguçada ao processo em questão, pois, segundo as autoras, “boa parte

das análises feitas sobre esse fenômeno tem se esforçado para dar a ele um tratamento morfossintático, mantendo, assim, as línguas sinalizadas sob o controle das rédeas da linguística tradicional". Manter a atenção de que se trata de uma língua de modalidade que não utiliza mecanismos linguísticos de composição oral-auditiva, e sim de outros elementos constitutivos, torna-se ponto crucial nesse processo.

Outro ponto a ser revisitado está relacionado à construção sintática das sentenças em Libras. Julgamos importante mencioná-lo aqui, no campo destinado à metodologia, para que fique claro o motivo pelo qual, ao se ler a trilha denominada "sinalizante (Libras)", muitas palavras encontram-se em localização divergente da trilha seguinte, denominada "sinalizante (tradução LP)". Dessa maneira, Negreiros e Barros ressaltam que:

o reconhecimento das especificidades linguísticas das Línguas de Sinais, se tomarmos como base de comparação as Línguas de Orais, tais como, a diferença de modalidade, o conceito de sintaxe espacial, a atribuição de valor gramatical nas expressões corporais e faciais, bem como a simultaneidade lexical, evidencia o caráter desafiador do trabalho tradutor/intérprete, doravante TILS (Barros, 2017, p. 155-156).

Reiteramos, portanto, que este foi um percurso delicado e bastante minucioso, pois se trata do estudo linguístico de uma língua com um sistema de escrita ainda pouco difundido, utilizando, para isso, glosas com palavras do português nas transcrições das configurações de conversações face a face.

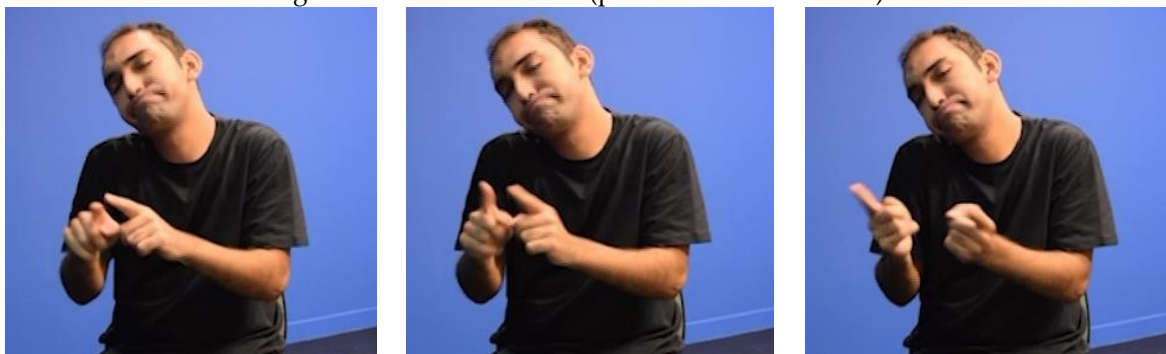
#### **4 Resultados**

O *corpus* desta pesquisa é composto por vídeos gravados durante a interação sinalizada de surdos fluentes em Libras, nos quais pudemos encontrar oito exemplos que contêm a partícula "mas" como recurso atenuador. Para essa seção, utilizamos as figuras 1, 2 e 3, representando amostras do uso do "mas". A primeira figura, captada em momentos da sinalização, se refere à sequência da primeira escolha lexical do



sinalizante 2 do excerto (1). Optamos por esse tipo de imagem por termos, nesse caso, uma mudança de orientação da mão. A segunda captura de tela, representada pela figura 2, indica a segunda escolha lexical, e terceira figura, captada em momentos da sinalização (assim como ocorre na figura 1), retrata a terceira escolha lexical feita pelo mesmo sinalizante no mesmo excerto.

Figura 1 – Sinal de “MAS” (primeira escolha lexical).



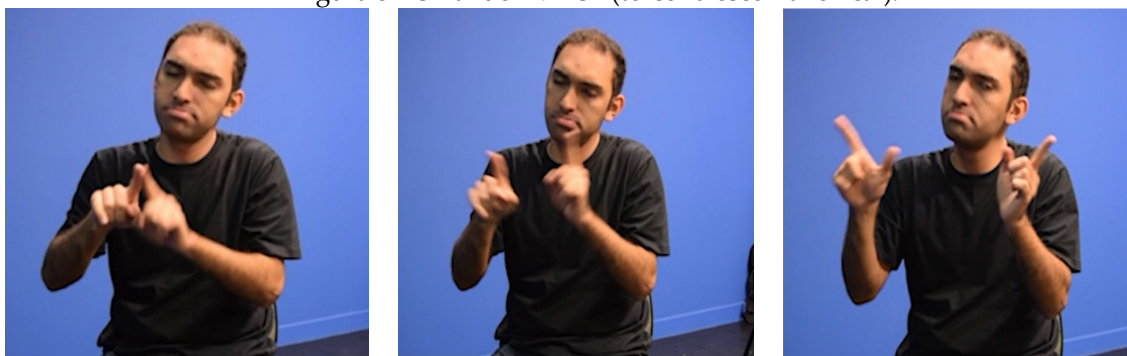
Fonte: Quadros *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br>

Figura 2 – Sinal de “MAS” (segunda escolha lexical).



Fonte: Quadros *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br>

Figura 3 – Sinal de “MAS” (terceira escolha lexical).



Fonte: Quadros *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br>

### Excerto (1)

Sinalizante 1 (Libras): AGORA 2014 BRASIL C-O-P-A MUNDO PERDER BRASIL VERGONHA &(face-admiração)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Neste ano de 2014, o Brasil na Copa do Mundo perdeu, sentimos vergonha do Brasil.

Sinalizante 2 (Libras): ESPERAR ENTÃO DINHEIRO PAGAR+ CONSTRUIR ACONTECER OK C-O-P-A MUNDO MAIS POSITIVO &(face-afirmação) OK ACABAR MAS TALVEZ ACONTECER TEMPO ACONTECER TALVEZ RUIM TALVEZ ACONTECER SÓ PERDER+ OU CONSEGUIR NÃO-SABER &(face-interrogação) NORMAL CADA UM NORMAL MAS C-O-P-A MUNDO BOM LEGAL ESTÁDIO CONSTRUIR LEGAL MAS ATRASAR PROBLEMA ATRASAR PORQUE DINHEIRO PAGAR PESSOAS REVOLTA

Sinalizante 2 (Tradução LP): Espere! Então, gastaram muito dinheiro com construções e isso já aconteceu, ok. Ter Copa do Mundo é bom! Ok, já acabou, mas talvez pode acontecer somente coisas ruins, perder várias vezes ou conseguir ganhar, não sei! É normal, as duas situações são normais, mas Copa do Mundo é bom, é legal, construir estádios é legal, mas gastaram muito dinheiro e as pessoas ficaram revoltadas.

A partícula “mas”, via de regra, possui valor adversativo, no entanto, pode exercer outras funções comunicativas e pragmáticas na conversação. No excerto acima, a função do “mas” assinala o contraste de posicionamento que denota uma espécie de preparação defensiva ao que será emitido na sequência. O sinalizante 2, primeiramente, concorda com o sinalizante 1 para, em seguida, expor um ponto

negativo acerca da questão levantada, porém, de uma maneira mais modalizada. Nos segmentos “Ok, já acabou, **mas** talvez pode acontecer somente coisas ruins”, “É normal, as duas situações são normais, **mas** Copa do Mundo é bom, é legal” e “construir estádios é legal, **mas** gastaram muito dinheiro e as pessoas ficaram revoltadas”, observamos que o “mas” assume uma função atenuadora antecipada, pois, ao empregá-lo após uma declaração de assentimento, o sinalizante 2 se previne de eventuais interpretações contrárias advindas do interlocutor, diminuindo, então, o impacto de seu enunciado subsequente.

### Excerto (2)

Sinalizante 1 (Libras): IX(você) APRENDER TUDO CONSEGUIR &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Você consegue aprender tudo?

Sinalizante 2 (Libras): SIM &(face-afirmação) MAS ÀS VEZES FALHA INTERAÇÃO TROCA

Sinalizante 2 (Tradução LP): Sim, mas às vezes acontecem falhas nessa interação, nessa troca.

Sinalizante 1 (Libras): IX(você) CONSEGUIR COMUNICAR OUVINTE FALAR &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Consegue se comunicar com ouvinte por meio da fala?

Sinalizante 2 (Libras): COMUNICAR NÃO &(face-negação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Não, comunicar não!

Evidenciamos que, no caso acima, o sinalizante 2 foi indagado pelo sinalizante 1 se conseguia aprender tudo pelo método de inclusão na escola. Ocorre a sinalização de concordância por meio do “sim”, no entanto, por ser uma resposta bastante contundente, o sinalizante 2 busca amenizar o teor conclusivo da afirmação, acrescentando a contra-argumentação “*mas às vezes acontecem falhas nessa interação*”. Isso contribui para diminuir sua responsabilidade em relação à própria resposta

categórica “sim”, tornando o “mas” um elemento que prefacia a alegação de haver possibilidade de problemas na interação algumas vezes, atenuando, dessa forma, o enunciado anterior.

### Excerto (3)

Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO IX(si) VER+ COMPARAÇÃO DIFERENTE  
EXEMPLO SURDO TECNOLOGIAS PASSADO NÃO- TER IMPEDIR  
EXEMPLO WHATSAPP PASSADO NÃO-TER WEBCAM NÃO-TER  
DIFÍCIL COMUNICAÇÃO AGORA NOVO+ COMUNICAÇÃO FÁCIL  
CAPAZ+ IX(ele) IMPLANTE COCLEAR DIFERENTE IX(ele) IMPLANTE  
COCLEAR PASSADO NORMAL TALVEZ PESSOAS QUERER VONTADE  
POSS(dela) IMPLANTE COCLEAR FALAR CRESCER E APRENDER  
FALAR POSITIVO MELHOR

Sinalizante 1 (Tradução LP): Então, eu tenho visto e comparado as diferenças, por exemplo, o surdo antes não tinha acesso a tecnologias, era impedido, por exemplo, no passado, não tinha Whatsapp, não tinha webcam, era difícil a comunicação. Agora tem muita novidade na comunicação, está mais fácil, se torna possível. O implante coclear é diferente. Ele quer o implante coclear. Antes era normal, talvez as pessoas queiram, tenham vontade de colocar implante coclear, desenvolver a falar. Aprender a falar é bom, é melhor.

Sinalizante 2 (Libras): SIM &(face-afirmação) IX(você) CONCORDAR MAS  
IX(si) VER POSS (si) ALUNO UM IX(ele) TER IMPLANTE COCLEAR  
LIBRAS NÃO FALAR NÃO &(face-negação) NÃO- CONSEGUIR OUVIR  
NADA LIBRAS NÃO-CONSEGUIR IX(ele) FALAR NÃO-CONSEGUIR  
IX(ele) PRIMEIRO TENTAR FALAR NÃO-CONSEGUIR DEPOIS TENTAR  
LIBRAS AINDA NÃO &(face- negação) IX(si) EXPERIMENTAR LIBRAS  
CONSEGUIR DESENVOLVER

Sinalizante 2 (Tradução LP): Sim, eu concordo com você, mas eu tive um aluno que tinha implante coclear e não sabia Libras, não sabia falar, não conseguia ouvir nada, não consegui se comunicar em Libras. Ele não conseguia com a fala. Primeiro, eu tentei com a fala e ele não conseguiu se desenvolver, depois tentei com a Libras; ainda não conseguiu. Fui experimentando introduzir Libras e conseguimos que se desenvolvesse.

**Excerto (4)**

Sinalizante 1 (Libras): ESTUDAR MAIS PROFUNDO IMPORTANTE

Sinalizante 1 (Tradução LP): Se aprofundar nos estudos é importante.

Sinalizante 2 (Libras): CERTO MAS TRABALHAR PROFESSOR ENSINAR  
IMPORTANTE AUTOESTIMA BOM CONSEGUIR ENTENDER  
CONSEGUE TRANSFORMAR SE VAGA IX(empresa) IGUAL  
PERMANECER PARAR NÃO-TER DESENVOLVER

Sinalizante 2 (Tradução LP): Certo, mas o trabalho do professor é importante. O ensino é importante para autoestima de realizações, de conseguir entender para transformar as coisas. Se você fica em trabalho em uma empresa, permanecerá sempre estático, não há um desenvolvimento.

No excerto (3), ao argumentar acerca das facilidades e melhorias relacionadas às tecnologias, o sinalizante 2 responde com *“Sim, eu concordo com você, mas eu tive um aluno que tinha implante coclear e não sabia Libras”*. O sinalizante 2 utiliza o “mas” para apresentar uma discordância, em partes, com as asserções feitas por seu interlocutor, porém, de uma maneira mais suavizada. Nesse sentido, o sinalizante 2 concorda com sinalizante 1, em um primeiro momento, para, logo em seguida, expor um ponto de discordância, este, contudo, já atenuado por meio do anúncio anterior de assentimento em *“Sim, eu concordo com você”*. O mesmo ocorre no exemplo seguinte (4), em que há o apontamento de concordância com a resposta “certo”, porém, há o uso do “mas” para explicar a importância do trabalho do professor.

Concordamos, portanto, com o esquema proposto por Urbano (1998, p. 271) “X+MAS+Y”, no qual o X tem como uma de suas características a “função de ‘atenuar’ em benefício próprio e/ou do ouvinte, por antecipação, o conteúdo de Y”. Esse conectivo contra-argumentativo é inserido para marcar o discurso, de modo a evitar possíveis expectativas negativas por parte do interlocutor. Dascal e Katriel (1977) e Katriel e Dascal (1984) *apud* Norrick (2001) descrevem a função, nesses casos, como o ato de cancelar algum nível de significado no enunciado anterior.

Urbano (1998, p. 270) assinala os casos que, além da “função atenuadora antecipada”, possuem “um caráter de preparação defensiva em relação ao que vai ser dito na sequência introduzida pelo “mas”.” Por exemplo: “Eu não quero ser grosseiro, mas você pegou o meu lugar.” Mais adiante, o autor esclarece:

Baker (1995) denominou esse uso do “mas” em tais contextos de “mas prefácio controlador de resposta”. Na realidade o “mas” articula-se com um segmento anterior (“Eu não quero ser grosseiro”), aprioristicamente atenuador, de feição mais ou menos formulaica. Esse conjunto prefacia a oração “você pegou o meu lugar”, de natureza ofensiva, que, sem o acompanhamento atenuador do início, poderia ensejar uma réplica agressiva. Trata-se de uma estratégia que tenta afastar por antecipação o eventual melindre do ouvinte em face de algo menos cortês ou irreverente que ele, falante, pretende ou vai falar.

Esses exemplos podem ser considerados como “mas-prefácios” controladores de respostas. Os prefácios controladores de respostas são compostos por pequenas orações ou frases que apresentam a adversativa “mas” no final. Eles antecipam possíveis reações desfavoráveis dos interlocutores, a fim de eliminá-las. Normalmente, os “mas-prefácios” servem como procedimentos de atenuação que apresentam um relativo grau de formulaicidade, ou seja, não possuem um grau elevado de fixidez na forma e, sob o ponto de vista pragmático, nem de convencionalidade. Suas estruturas vêm combinadas ao “mas”, e isso significa que sua forma é, portanto, razoavelmente fixa (Rosa, 1992, p. 57-58).

### Excerto (5)

Sinalizante 1 (Libras): IX(si) AINDA DESEMPREGADO FALTA TRABALHO MAS IX(si) ACHAR PRECISAR ESTUDAR IMPORTANTE

Sinalizante 1 (Tradução LP): Eu ainda estou desempregado, falta trabalho, mas eu acho que é importante estudar, preciso estudar.

Sinalizante 2 (Libras): ENTÃO SIM IMPORTANTE

Sinalizante 2 (Tradução LP): Então, sim, é importante.

**Excerto (6)**

Sinalizante 2 (Libras): POR ISSO ENTÃO PRECISAR ESCOLHER CERTO NÃO QUALQUER ESCOLHER QUALQUER JEITO ELEIÇÃO ESCOLHER CERTO DEPOIS OBSERVAR CAMINHO PERGUNTAR IX(você) JÁ IR BRASÍLIA&(face-interrogação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Por isso, então, precisamos escolher certo. Não é uma escolha de qualquer jeito nas eleições. Precisamos escolher certo, depois observar a trajetória. Eu te pergunto: você já foi à Brasília?

Sinalizante 1 (Libras): AINDA IR NÃO &(face-negação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Ainda não fui.

Sinalizante 2 (Libras): IGUAL IX(si) VONTADE IR DIREITO LUTAR MANIFESTAÇÃO MAS DINHEIRO NÃO-TER

Sinalizante 2 (Tradução LP): Igualmente, eu tenho vontade de ir, é nosso direito lutar, manifestar, mas não tenho dinheiro.

**Excerto (7)**

Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO IX(você) ESTUDAR PÓS GRADUAÇÃO COMO & (face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Então, você estuda pós-graduação. Como tem sido?

Sinalizante 2 (Libras): VERDADE &(face-medo) IX (si) MATRÍCULA ESTUDAR ALEGRE &(face-feliz) COMEÇAR CONTEÚDO NÃO-SABER COMO &(face-interrogação) DÚVIDA

Sinalizante 2 (Tradução LP): Verdade, foi assustador. Eu iniciei a matrícula alegre, mas quando começaram os conteúdos, fiquei sem saber como, tive muitas dúvidas.

Sinalizante 1 (Libras): JÁ TERMINAR &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Já terminou?

Sinalizante 2 (Libras): CALMA IX(si) ESTUDAR COMEÇAR ALEGRE+ &(face-feliz-euforia) MAS ENTREVISTA IX(si) ASSUSTAR NÃO-SABER &(face-negação) COMO FAZER PROJETO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Calma, comecei meus estudos contente, contente, mas na entrevista, eu assustei muito, não sabia como fazer o projeto.

No excerto (5), o sinalizante 1 indica a importância do estudo, contrargumentando que, apesar de estar desempregado, o estudo é importante. No exemplo (6), há a inserção da conjunção adversativa com o objetivo de marcar discursivamente o motivo de ainda não ter ido à Brasília manifestar e, apesar de compreender esse ato como um direito, afirma não ter o dinheiro para a viagem. No caso (7), o sinalizante 2 faz uso do “mas” por duas vezes, contrastando os sentimentos referentes ao entusiasmo pelo início dos estudos pós matrícula com os de susto, medo, insegurança, causando, então, uma ruptura em relação ao que foi emitido anteriormente.

Com base nas acepções de Rosa (1992), os controladores de resposta “mas-prefácios” podem ser de dois tipos:

a) “Mas-prefácios” que realizam um anúncio metacomunicativo acerca do que vai ser dito na UD (unidade discursiva) diretora<sup>2</sup>. Trata-se de “marcadores que contêm expressões ou verbos declarativos associados à adversativa *mas*” (p. 78). Eles podem ocorrer sob dois modos: o primeiro é aquele em que o anúncio metacomunicativo corresponde à figura por meio da qual o locutor finge que não irá falar sobre um dado assunto, mas o faz, mesmo assim. O outro tipo de “mas-prefácio” que realiza um anúncio metacomunicativo “faz uma avaliação negativa da declaração contida na UD diretora” (p. 79).

b) “Mas-prefácios” que negam a competência epistêmica do locutor enunciador: contêm as expressões verbais: “não saber, não entender e não se lembrar”. O falante

---

<sup>2</sup> Castilho (1989, p. 253) afirma que a UD é “um segmento do texto caracterizado semanticamente por preservar a propriedade de coerência temática da unidade maior, atendo-se como arranjo temático secundário ao processamento de um subtema, e formalmente por se compor de um núcleo e de duas margens, sendo facultativa a figuração destas.” O termo diretora significa uma UD “hierarquicamente superior” do ponto de vista de sua importância para a negociação (Rosa, 1992, p. 63).



pode antecipar o que vai ser desenvolvido na UD que prefacia, afastando objeções ao que é dito nela à direita. É interessante observar que, também, certos usos dos “mas-prefácios” desse tipo não causam, necessariamente, efeitos de atenuação, e são chamados falsos “mas-prefácios”. São casos em que eles produzem efeitos variados, como pôr em evidência o conteúdo da UD, ao invés de suavizá-lo ou minimizar a responsabilidade pelo que se diz, ou, ainda, negociar o tópico a ser desenvolvido na intervenção. É uma estratégia que busca colocar em risco, temporariamente, a imagem positiva do locutor para depois restituí-la, como recompensa ao sacrifício. Vale mencionar que esses recursos devem ser analisados dentro de um determinado contexto para avaliar se são atenuadores ou não.

Os exemplos analisados são do tipo que realizam um anúncio metacomunicativo com a função de amenizar uma possível avaliação negativa contida na declaração subsequente. É um ato preparatório, realizado por meio do “mas”, para amenizar o conteúdo da afirmação seguinte. Esse tipo de “mas-prefácio” é, então, atenuador, pois contribui para tornar mais suave o enunciado seguinte.

Risso e Jubran observam que:

Como propriedade discursiva, potencialmente presente em toda e qualquer manifestação textual, a metadiscursividade ganha, no caso específico da língua falada, uma densidade particular, pelo fato de as contingências da produção oral promoverem uma acentuada manifestação dos fatores enunciativos na estruturação do texto. Fortemente ancorado no entorno espaço-temporal de interação face a face, o texto falado é produzido de forma dinâmica e momentânea, o que favorece sensivelmente o afloramento, na sua superfície, de traços da enunciação. Em razão do monitoramento local e contínuo das construções verbais, esses traços são linguisticamente materializados, ficando, portanto, acessíveis à análise (1998, p. 228).

Quanto ao segmento do discurso referenciado por esses procedimentos, as autoras supracitadas afirmam que os “operadores de metadiscursividade tendem a se posicionar como prefaciadores, e, portanto, como mecanismos que anunciam

antecipadamente, no texto, o valor discursivo do fragmento que eles introduzem" (p. 231).

### Excerto (8)

Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO OUVIR PESSOAS INFLUENCIAR CAPAZ IMPLANTE COCLEAR PESSOAS ACEITA PESSOAS FAMÍLIA CAPAZ SURD@ PROBLEMA IX(eles) INFORMAÇÃO GANÂNCIA DINHEIRO EXPLORAR IMPLANTE COCLEAR MOTIVAR IX(si) VER AGORA ESCOLA AGORA DV(tirar-objeto- redondo-atrás-orelha)+ IMPLANTE COCLEAR VER+

Sinalizante 1 (Tradução LP): Então, ouvintes têm influenciado que o implante coclear torna o surdo capaz e as pessoas têm aceitado. A família acha que o surdo será capaz de ouvir, mas o problema é que as informações são baseadas na ganância para vender e exploram essa informação sobre o implante coclear, motivam o implante. Agora, eu vejo na escola eles tirando seus implantes, vejo isso.

Assim como nos exemplos anteriores, no excerto (8), há o uso do “mas” como um recurso que atenua o enunciado subsequente a ele. Nesse caso, o sinalizante 1 expõe sua posição concordante com a ideia de que a família dos surdos seja induzida a realizar o implante coclear com a proposta de que voltarão a ouvir, todavia, como isso não ocorre de forma tão prática, as famílias são enganadas por questões relacionadas à ganância: “A família acha que o surdo será capaz de ouvir, *mas* o problema é que as informações são baseadas na ganância”. Esses elementos linguísticos operam como marcadores atenuadores que introduzem uma apreciação valorativa acerca do enunciado anterior, orientando o interlocutor quanto à forma como o locutor enunciadador deseja ser interpretado.

## 5 Considerações finais

Embora a língua brasileira de sinais tenha sido oficializada no país há pouco mais de duas décadas e algumas discussões a respeito de seus aspectos linguísticos

tenham se iniciado antes mesmo dessa oficialização nacional, muitos são os debates (necessários) que proporcionam uma maior visibilidade ao uso e ao estudo dessa língua, buscando, para seus usuários, um efetivo (re)conhecimento e sensação de pertencimento.

Cabe assinalar que a representatividade linguística dessa parcela da sociedade ainda enfrenta embates e desajustes quanto ao seu reconhecimento e à visibilidade de trabalhos pautados em investigações da língua durante a interação de seus pares e seus atributos constituintes. Pensar esses aspectos sociais e linguísticos permite oportunizar ao surdo nuances de um pertencimento também social e linguístico, que o torna cada vez mais imbuído a se emancipar como sujeito atuante em sua história, em sua língua.

De acordo com os resultados obtidos, houve o emprego do “mas” por dez vezes nos excertos analisados. Obsevamos que a partícula “mas” foi empregada como um recurso que auxilia o sinalizante na arquitetura dos enunciados, servindo como um anúncio, uma espécie de preparação que atenuou, por antecipação, o conteúdo do que seria expresso. Foi, também, um elemento contra-argumentativo, pois reorganizou o enunciado, esclarecendo, inclusive, o posicionamento do sinalizante. Esse tipo de mecanismo, de acordo com Galembeck e Carvalho (1997), assume papel coesivo no discurso, modalizando a declaração emitida e introduzindo uma observação que teria por finalidade acrescentar dados complementares em relação ao que foi dito anteriormente.

O *corpus* desta pesquisa, composto por vídeos gravados durante a interação sinalizada de surdos fluentes em Libras, possibilitou evidenciarmos que a Libras transcende, assim como as demais línguas, a lógica de junção de códigos, proporcionando ao seu usuário natural a possibilidade de se expressar a respeito dos mais variados assuntos.

As discussões acerca dos recursos atenuadores na Libras não se esgotam aqui, devido à complexidade e relevância desse tema no contexto da interação face a face de

uma língua de modalidade visual-espacial. Esperamos que estudos como estes possam servir como uma possibilidade de incentivo ao desenvolvimento de novas pesquisas envolvendo as LSs, sobretudo de cunho linguístico, campo que tem se mostrado em ascensão na comunidade acadêmica.

## Referências

BRASIL. **Lei nº 10.436**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 abr. 2002.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro UFRJ, 1995.

BURGO, V. H. Efeitos de atenuação no discurso político: polidez e preservação da face na interação verbal. **Revista Investigações**, v. 25, n. 2, jul. p. 43-66, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/339/284>. Acesso em: 10 jan. 2024.

BURGO, V. H.; SILVA NETO, J. V. da. Procedimentos de atenuação no inglês falado: o discurso do presidente Obama. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 11, n. 2, p. 103-126, jul./dez. 2012. DOI <https://doi.org/10.26512/rhla.v11i2.1206>

CASTILHO, A. T. de. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. *In*: CASTILHO, A. T. de. (org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp, 1989. p. 249-280.

GALEMBECK, P. de T. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. *In*: PRETI, D. (org.) **O discurso oral culto**. 2 ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP (Projetos Paralelos, vol. 2), 1999. p. 173-194.

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a LIBRAS**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GÓES, A. M.; CAMPOS, M. de L. I. L. Aspectos da gramática da Libras. *In*: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos (org.). **Tenho um aluno surdo e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EduFSCar, 2021. p. 65-80.

LEITE, T. de A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos.** 2008. 280 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEITE, T. de A. O futuro dos estudos das línguas (de sinais). *In*: QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R.; LEITE, T. de A. (org.). **Estudos da língua brasileira de sinais.** Florianópolis: Insular, 2013. p. 37-58.

MARTINS, T. A.; BIDARRA, J. O problema da ambiguidade lexical para a interpretação envolvendo a língua portuguesa e Libras. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA, v. 2, n. 1, Uberlândia, 2012. **Anais** [...]. Uberlândia: Edufu, 2012. p. 1-20. Disponível em: [http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume\\_2\\_artigo\\_154.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_154.pdf). Acesso em: 19 ago. 2022.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E. Transcrição de dados de uma língua sinalizada. *In*: SALLES, H. (org.). **Bilingüismo dos surdos: questões lingüísticos e educacionais.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2007. p. 73-96.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E. Língua e gestos em línguas sinalizadas. **Veredas - Revista de Estudos Linguísticos**, v. 15, n. 1, Juiz de Fora, p. 289-304, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25111>. Acesso em: 27 jun. 2022.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E.; LEITE, T. de A. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 54, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2880>. Acesso em: 14 mar. 2023.

NASCIMENTO, V.; DAROQUE, S. C. Língua oral-auditiva e língua gesto-visual. *In*: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F.; MARTINS, V. R. de O. (org.). **Libras aspectos fundamentais.** Curitiba: InterSaberes, 2019. p. 45-76.

NEGREIROS, K. A. de; BARROS, A. L. de E. C. de. A construção de sentido no processo de tradução/interpretação português/Libras. *In*: BARROS, A. L. de E. C. de; CALIXTO, H. R. da S.; NEGREIROS, K. A. de (org.). **Libras em Diálogo: interfaces com tradução e interpretação.** Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 155-184.

NORRICK, N. R. Discourse markers in oral narrative. **Journal of Pragmatics**, v. 33, n. 6, p. 849-878, jun. 2001. DOI [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(01\)80032-1](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(01)80032-1)

PANTOMIMA. In: MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora: Melhoramentos Ltda, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 22 jan. 2024.

QUADROS, R. M. de. Políticas linguísticas e educação de surdos em Santa Catarina: espaço de negociações. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 141-161, maio/ago. 2006. DOI <https://doi.org/10.1590/S0101-32622006000200003>

QUADROS, R. M. de. Políticas linguísticas e educação de surdos. In: V CONGRESSO INTERNACIONAL E XI SEMINÁRIO NACIONAL DO INES, Rio de Janeiro, 2007. **Anais** [...] Rio de Janeiro: INES, 2007. p. 94-102. Disponível em: [http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index\\_arquivos/Documentos/Políticas.pdf](http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index_arquivos/Documentos/Políticas.pdf). Acesso em: 23 set. 2022.

QUADROS, R. M. de. **Proposta de Manual de transcrição do Corpus Libras**. 2015. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/169881/2015%202905%20MANUAL\\_CORPUS%20transcri%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/169881/2015%202905%20MANUAL_CORPUS%20transcri%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 12 ago. 2021.

QUADROS, R. M. de. A transcrição de textos do Corpus de Libras. **Revista Leitura**, v.1, n. 57, p. 8-34, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/3618>. Acesso em: 21 nov. 2021. DOI <https://doi.org/10.28998/2317-9945.2016v1n57p8-34>

QUADROS, R. M. de. **Língua de Herança: Língua brasileira de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, R. M. de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004. DOI <https://doi.org/10.18309/anp.v1i16.560>

QUADROS *et al.* **Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro**. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

RISSO, M. S.; JUBRAN, C. de A. S. O discurso auto-reflexivo: processamento metadiscursivo do texto. **Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. DELTA, v. 14, n. 3 (número especial), p. 227-242, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/43405>. Acesso em: 11 abr. 2023. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-44501998000300015>

ROSA, M. de M. **Marcadores de atenuação**. São Paulo: Contexto, 1992.

URBANO, H. O seu trabalho está bom, mas... (your paper is good, but...). **Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. DELTA**, v. 14, n. 3 (número especial), p. 269-276, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/43415>. Acesso em: 25 mar. 2023. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-44501998000300018>